

ENFIM,  
C A P I

V A

R A S

Luisa Geisler

**S E Q U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Luisa Geisler

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E ILUSTRAÇÃO Deco Farkas

PREPARAÇÃO Fernanda Villa Nova

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Geisler, Luisa

Enfim, capivaras / Luisa Geisler. — 1ª ed. — São Paulo :  
Seguinte, 2019.

ISBN 978-85-5534-085-7

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

19-26664

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinteoficial



# 12 motivos pelos quais todos nós estamos indo à casa do Dênis

12. É um final de tarde de sexta-feira.

11. É a Chapada do Pytuna, de onde a maior cidade das redondezas, Brasília, fica a três horas de distância. De carro.

10. A gente está cansado. O Dênis vinha mentindo sobre várias coisas, qualquer coisa, desde que entramos na escola. De sua mãe só fazer compras em um supermercado de Brasília até o fato de o carro do pai ter um “hiperdroller”. Um hiperdroller foi uma peça que inventamos para ver se o pegávamos na mentira. Então, enfim, ele admitiria que não é faixa preta em jiu-jítsu, que não jantou na casa do Faustão em Miami e que não sabe tudo sobre carros. Acontece que ele pagou para ver e praticamente improvisou uma peça de carro enquanto falava. “Todo carro a partir de 2000 tem que ter um hiperdroller”, ele inventou na hora. Até hoje não revelamos que a peça não existe.

9. E na manhã daquele dia, entre um comentário de química e outro, Dênis disse que ganhou uma capivara. E a

gente nem tinha como argumentar, porque ninguém sabia tanto assim sobre capivaras, além do fato de elas serem hamsters gigantes que vivem perto da água. Ninguém podia pagar para ver com perguntas sobre ração ou peso. O único jeito de desafiá-lo era testemunhando a presença do animal.

8. Então decidimos visitar o Dênis. Com todos nós ali parados, encarando o mentiroso no ato, ele olharia descapivarado para jardins vazios e pediria desculpas. Assumiria que de fato roubou os óculos de sol do Léo; que não tinha visto todos os animes que a Nick conhecia, além de uns que eram “desconhecidos até pra ela”; que nunca tinha visitado Porto Alegre e a família e a rua da Vanessa. Também assumiria, finalmente, que o Zé Luís nunca tinha perdido a virgindade com uma prostituta de trinta reais.

7. Porque era isso ou ficar na frente do computador abrindo artigos aleatórios na Wikipédia, clicando e clicando e clicando em fatos.

6. Porque se você mora na Chapada do Pytuna, precisa tomar a iniciativa e *criar* a aventura.

5. Porque, apesar de não sermos os maiores amigos ou os piores inimigos, a gente é o que cada um de nós tem às

seis da tarde de uma sexta-feira no interior. Entre os trinta mil habitantes da cidade sempre quente e sempre ensolarada no meio do cerrado brasileiro, nós somos os top quatro cidadãos que a cidade pode oferecer. E o Dênis de merda.

4. Porque a gente mora perto — perto um do outro, perto da casa do Dênis.

3. Porque é uma situação em que saímos ganhando independente do resultado: se mentira ou se verdade. Porque a gente quer morar nessa realidade, em que podemos inventar uma história melhor, em que pessoas adotam capivaras do nada.

2. Porque a gente *quer* ver uma capivara de perto, fazer carinho e tudo o mais.

1. Porque, como nossas próprias mentiras, a gente quer que seja verdade.

VANESSA

por volta das seis horas

— Binho! — Léo repetiu.

É a terceira vez que ele grita na frente da casa. Eu tinha tentado bater umas palminhas sem graça enquanto Nick dava uns gritos meio fracos. Cruzo os braços, ainda sem entender muito. Por sorte, Zé Luís parece mais deslocado que eu. Desde que eu não seja a pessoa mais deslocada, está tudo bem. Ergo a cabeça.

A casa do Dênis é uma casa padrão da cidade. Simétrica, horizontal, funcional — uma caixa de sapatos com uma grade alta ao redor e uma cerca elétrica em sua extremidade. O cachorro de Binho é o único na frente da casa. Não sei por que chamam Dênis de Binho e não quis perguntar. O labrador chocolate dá saltos animados para Léo e Nick, mas latidos desconfiados para mim e Zé Luís. É claro que isso pode ser minha insegurança falando. Talvez o cachorro esteja fazendo festa pra todo mundo. Léo enfia a mão pela grade e acaricia a cabeça animada.

— Abre a porta, Toddy, abre a porta pra gente — ele diz.

Toddy mexe a cabeça de forma a conseguir lamber a mão de Léo. É a vez de Nick gritar:

— Cacete, Dênis da porra!

Zé Luís sorri, os olhos verdes diminuindo no processo. Sorrio de nervosismo. Nick e Léo estão abaixados no portão, fazendo festa para o cachorro. Não sei se “fazer festa” é uma expressão que se fala no cerrado mineiro. Fico mais quieta. Léo seca as mãos na calça jeans de seiscentos reais quando Dênis surge à porta da casa.

— Tarde — ele diz, abrindo o portão.

Resmungamos enquanto entramos. Até eu murmuro um “ficamos esperando um tempão...”.



Paramos na frente da casa, Dênis sem nos convidar para entrar, Léo revirando o jardim cimentado. Boa parte do pátio está coberta por lajotas, algo que, como aprendi, é muito comum no cerrado mineiro. Árvores soltam folhas e fazem sujeira. Chão batido é só terra pra entrar na casa. Lajotas. Lajotas são a solução. Na casa do Dênis ainda há algumas orquídeas e uma hortinha de manjeriço e salsinha. Tudo em vasos. Toddy cheira nossos pés.

— E aí? — diz Léo.

— E aí? — diz Dênis, franzindo a testa.

— Onde é que ela tá?

— Quê?

— A *capivara*.

Léo cruza os braços. Nick olha ao redor, esticando a cabeça para a parte de trás da casa e o varal. Ao ver Zé Luís sorrindo, sorriu de nervoso outra vez.

— Como assim? — diz Dênis.

— Meu Deus. — Nick suspira. — A capivara que você falou no intervalo. Hoje de manhã. A gente veio conhecer.

— Mas ninguém me avisou nada.

— A gente não achou que precisasse. A gente nunca avisa se vem visitar o Toddy.

— Vocês nunca vêm visitar o Toddy.

— A gente visitaria mais o Toddy se ele fosse uma capivara.

Dênis olha pro fundo da casa, franzindo os lábios, olha pra trás de nós e pra além de nós. Olha pra rua, inspira, expira. O cachorro senta ao seu lado enquanto Dênis descansa a mão sobre sua cabeça. Parecem uma dupla de policial e cachorro farejador de drogas em

um aeroporto ou num daqueles filmes da *Sessão da Tarde*. Dênis baixa os olhos.

— Você não podem ver a Capi hoje — diz, e faz uma pausa, fungando. — A Capi... — continua encarando a distância — ... a Capi não está mais aqui.

Respondemos com murmúrios que se confundem. Talvez Nick tenha dito “O quê?”, e Léo tenha dito “Mas do que você tá falando?”, e Zé Luís tenha dito “Que bobagem!”, e Léo tenha dito “Até peguei o carro!” — os comentários se misturam e se desencontram. Em resumo dizem todos a mesma coisa: *que porra era aquela?* Dênis inspira e expira outra vez.

— A Capi fugiu. É isso — diz, a voz de repente sobressaltada. — É isso. Isso, isso mesmo. Ela fugiu.

Reagimos outra vez com murmúrios desencontrados, que se prolongam. Léo começa a apontar as falhas lógicas no que já sabíamos que era mentira: “Como é que se perde uma capivara com uma grade dessas?”, e Zé Luís pergunta “Mas capivara é um bicho muito rápido?”, então Nick ergue as mãos e diz “Que conveniente, uma capivara fujona!”. Enquanto falamos, Dênis se enfia na maçaroca de falas atropeladas com uma história de que abriram a garagem, o cachorro a assustou, ela escapou, tentaram ir atrás, mas ela se enfiou num matagal. As pessoas falam “matagal” aqui?

Mas a gente só precisa que o Dênis diga. Só diga uma vez pequerrucha que seja. Que diga logo que inventou a capivara pra se gabar mais uma vez.

— Se vocês quiserem — ele dá de ombros —, a gente pode até procurar por ela. É. É. A gente pode procurar.